

Roger Bastide: nas trilhas da sociologia em escala individual

Roger Bastide: on the trails of sociology on an individual scale

Antonio Giovanni Boaes Gonçalves⁸⁸
Maylle Alves Benício⁸⁹

Resumo

As teorias sociológicas atuais têm instrumentalizado novas chaves analíticas para a compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos. Não raro, todavia, evocam reflexões lançadas por autores do período fundante ou de consolidação da disciplina. É pertinente observar que há muitas formas de um clássico permanecer no pensamento dos contemporâneos, seja pela continuidade ou desdobramentos de suas ideias, seja pela persistência dos problemas encarados. Nesse sentido, este artigo propõe-se a revisitar algumas noções, especialmente as que se referem à interpenetração das civilizações, presentes nas obras de Roger Bastide - um clássico hoje bastante esquecido - e correlacioná-las com a teoria disposicionalista e contextualista, em escala individual, de Bernard Lahire. No estoque conceitual, metodológico e empírico de Bastide foi possível encontrar um conjunto de problemas encarados por ele que tangenciam as questões enfrentadas hoje por Lahire e pelas chamadas sociologias do indivíduo. Além disso, observou-se que conceitos bastidianos como o “princípio do corte”, indicam relevante potencial para se refletir sobre a teoria de Lahire, mormente no que diz respeito à subjetividade dos indivíduos. Este artigo apresenta, em um primeiro momento, o arcabouço conceitual e teórico que alicerça a obra de Bastide, para em seguida discutir as aproximações com a teoria de Lahire e indicar as potenciais contribuições ao debate entre o clássico e o contemporâneo. Cabe dizer que as

⁸⁸ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4022-7165>; Email: giboaes@gmail.com.

⁸⁹ Doutoranda do PPGS (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) da UFPB; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2833-5756>; Email: maylle.benicio@gmail.com.

reflexões germinais trazidas neste trabalho foram suscitadas por um desafio do pensamento apresentado por situação concreta de pesquisa que vem sendo empreendida pelos autores, na qual se busca traçar retratos sociológicos de professores universitários e compreender a possível articulação entre disposições científicas e religiosas em seus esquemas disposicionais. A construção já do primeiro retrato trouxe à tona alguns questionamentos importantes. O recuo inicialmente despretensioso até Bastide levou-nos a aprender, na sua pluridisciplinaridade, que falta à sociologia em escala individual uma maior atenção e entendimento sobre a subjetividade do indivíduo, sem ela o “homem plural” é uma expressão diminuída.

Palavras-chave: Roger Bastide. Interpenetração de civilizações. Sociologia em escala individual. Bernard Lahire.

Abstract

Current sociological theories have instrumented new analytical keys for the understanding of contemporary social phenomena. However, they frequently evoke reflections by authors of the founding period of the discipline. It is pertinent to note that there are many ways for a classic to remain in the thinking of contemporaries, whether through the continuity of their ideas or through the persistence of the problems they face. In this sense, this article proposes to revisit some notions, especially those that refer to the interpenetration of civilizations, present in the works of Roger Bastide - a classic currently forgotten - and to correlate them with the dispositionalist and contextualist theory, in individual scale, by Bernard Lahire. In Bastide's conceptual, methodological and empirical stock, it was possible to find a set of problems he faces that touch on the issues facing Lahire today and the so-called sociologies of the individual. Also, we realized that bastidian concepts such as the "cut principle" indicate relevant potential to reflect on weaknesses identified in Lahire's theory, especially concerning the subjectivity of individuals. This article presents, in a first moment,

the conceptual and theoretical framework that bases the work of Bastide, to next discuss the approximations with the theory of Lahire and to indicate the potential contributions of the classic to the contemporary one. It is worth to say that the germinal reflections brought in this work were raised by a challenge of thought presented by a concrete situation of research that is being undertaken by the authors. In the research, it is sought to draw sociological portraits of university professors and to understand the possible articulation between scientific and religious dispositions in their dispositional schemes. The construction of the first portrait has already raised some important questions. The unpretentious retreat to Bastide led us to learn, in their pluridisciplinarity, that sociology on an individual scale lacks greater attention and understanding of the subjectivity of the individual, without it the "plural man" is a diminished expression.

Keywords: Roger Bastide. Interpenetration of civilizations. Sociology on an individual scale. Bernard Lahire.

Introdução

*Je sens mille possibles em moi; mais je peux me
résigner à n'en vouloir être qu'un seul.*

André Gide

*Sou mil possíveis dentro de mim; não posso
resignar-me a querer ser apenas um.*

Roger Bastide

Bernard Lahire, sociólogo francês da nova geração de sociólogos, tem-nos proposto a chamada sociologia em escala individual,⁹⁰ que congrega uma interpretação da realidade social à nível de teoria sociológica e abordagens metodológicas, bastante instigantes. No seu livro programático - *O homem plural* -, dá-se a tarefa de demonstrar (no sentido dedutivo) sua tese, resumida na ideia de que todos nós, especialmente, habitantes de sociedades profundamente diferenciadas, trazemos uma variedade de resumos de experiências, resultado de experiências socializadoras heterogêneas e às vezes contraditórias. Carregamos em

⁹⁰ Para uma apresentação resumida da sociologia em escala individual, ver Lahire (2017).

nós o passado incorporado na forma de disposições para agir, crer, pensar e sentir. Carregamos, portanto, o social feito coisa (como diria Bourdieu) ou o social desdobrado (como diz Lahire) dentro da gente, corporificado/dobrado na forma de estoques de disposições.

No processo de dedução de sua ideia, Lahire na referida obra, no primeiro momento ocupa-se em mostrar como determinadas teorias e concepções nas diversas áreas de conhecimento e de atuação humana, criam e recriam uma ilusão socialmente bem fundamentada da unicidade. Uma espécie de “mal” que tem afetado vários cientistas sociais, estando incluso nesse grupo Pierre Bourdieu. No intuito de demonstrar como se formam as concepções de unidade e de pluralidade, Lahire passa em revista nomes e ideias. Ao lado da “pluralidade”, ele perfila autores disposicionalistas da escola de sociologia francesa, a exemplo de Halbwachs; literatos, a exemplo de Proust; sociólogos alemães, a exemplo de Elias, norte-americanos, a exemplo Goffman e outros interacionistas etc., a lista é bem mais longa (LAHIRE, 2001). É obvio que não esperaríamos que Lahire incluísse Bastide neste inventário,⁹¹ afinal ele não se tornou um grande nome da Sociologia francesa. Laburthe-Tolra lista cinco razões para a pouca repercussão de Bastide na França, delas destaco a que nos parece mais importante:

[...] foi não ter construído uma teoria global, contentando-se com teorias parciais, produzindo uma obra dispersa, detalhada e pontilhista, criando e aprofundando, por exemplo, um conceito como “princípio de corte”, quando a moda era mais construir falsas janelas para aparentar simetrias (LABURTHE-TOIRA, 2005, p. 45).

Segundo o autor citado, muitos dos pertencentes ao *establishment* sociológico francês, sem nem mesmo o terem lido, reagem às suas citações com muxoxos de desdém. O que provavelmente acontecerá também com nossos colegas brasileiros diante deste texto. Certamente que alguns, como o bastidiano Roberto Motta, pelo contrário, se alegraria. Para ele, em 2004, podia-se registrar um reavivamento da influência de Bastide, o que se associava “ao relativo declínio do marxismo, do estruturalismo e de outros sistemas teóricos/ideológicos” (MOTTA,

⁹¹ Bastide não é um autor desconhecido por Lahire, no seu último livro (LAHIRE, 2018), duas de suas obras constam nas referências.

2005, p. 18). Exatamente a “inaturalidade” (ausência de um paradigma sistemático) de Bastide era o que o tornava atual, ou seja, pós-moderno. E como diz Motta, é aí que se encontra a sua força. Não podemos dizer que estamos de acordo com o otimismo de Motta, pois se em 2004 supostamente havia o incremento do interesse pelo pensamento de Bastide, parece-nos que a tendência não vingou. E hoje, se escrevemos sobre ele, é um ato isolado que foi motivado por questões muito pontuais surgidas no cotidiano de uma pesquisa sobre retratos sociológicos de professores universitários. Não acreditamos que haja alguma corrente bastidiana (“corrente” no sentido que lhe atribui Durkheim) que nos tenha arrastado até aqui.⁹²

Inicialmente, não tínhamos como proposta descobrir possíveis contribuições que pudesse Bastide trazer para o debate sobre a sociologia em escala individual. Na verdade, foi a partir desta que se formou o desejo de voltar a Bastide, e talvez seja mais sensato pensar que queríamos utilizar a sociologia em escala individual como chave de leitura das interpretações de Bastide, isto porque, situações empíricas⁹³ que vivemos chamaram nossa atenção para o “princípio do corte”. E, se nos voltássemos para estudar o que a sociologia em escala individual não é, poderíamos entender mais o que ela é. Mas, o caminho se faz no caminhar, e como disse um grande mestre, “porque só se descobre aquilo que não se busca” (BASTIDE, 1972, p. 149 apud QUEIROZ, 1983, p. 69). Então, as fronteiras identitárias entre chave e porta se borraram.

Pareceu-nos que os problemas enfrentados pelas chamadas sociologias do indivíduo, estavam presentes no pensamento de Roger Bastide (1898-1974), certamente que envolvidos por outros significados e problemáticas características do seu tempo, ou para usar expressões atuais, pelo contexto, por sociais

⁹² Um fato que pode reforçar nosso argumento é a extinção da Associação Bastidiana em 2009. O Centro de Estudos Bastidianos foi criado na França em 1992 após a realização do Colóquio *Roger Bastide et le Multiple*, reuniu contemporâneos e ex-alunos de Bastide interessados na sua obra e na sua divulgação. O seu principal empreendimento foi a *Revista Bastidiana*. Ver Braga (2005, p. 80 e ss.).

⁹³ Trata-se de pesquisa de doutorado que está sendo realizada por Maylle Alves Benício, sob orientação de Giovanni Boaes no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Tem como título: “A sociologia da religião em escala individual: retratos sociológicos de professores universitários.” Procura compreender como se articulam simultaneamente as disposições religiosas e as científicas no estoque de disposições desses indivíduos, destacando os tipos de conflitos e/ou adaptações presentes nos dois contextos.

desdobrados e por experiências socializadoras da época vivida pelo autor. Mas, Bastide teria algo a oferecer para contemporaneidade deste debate?

Há um conjunto de problemas encarados por ele, e cujo encadeamento pode nos dar contornos tênues do vulto de um “indivíduo plural” que poderia ser montado, “como num jogo de lego”, a partir de “peças” que pertencem ao estoque conceitual, metodológico e empírico do autor. É preciso relê-las muito atenta e desarmadamente: os mosaicos de cultura (sociedades diferenciadas), justaposições, interpenetrações de civilizações, princípio do corte, princípio de participação, princípio de correspondência, homem marginal, estética sociológica, método antietnocêntrico, o poder criador do indivíduo, a indissociável relação entre sociologia, psicologia e psicanálise etc. E no meio desse estoque, a questão da “subjetividade” projeta-se com vividez, porque Bastide difere dos seus contemporâneos franceses ao utilizar o método antietnocêntrico e dar ênfase a elementos considerados irracionais, estes, terrenos de uma subjetividade negada pela sociologia, porém muito bem percebidos nos candomblés brasileiros. Mesmo sabendo da riqueza que a “Ciência” de Bastide nos oferece, devemos por questão de economia, premida pelo tempo, pelas normas editoriais, - e por limitações dos autores, centrarmos-nos no conceito de “princípio do corte”, ainda que ele de forma alguma possa ser desligado do conjunto.

O que queremos neste texto é abrir reflexões sobre algumas das ideias de Bastide tentando aproximá-las das discussões suscitadas pelo escopo da chamada sociologia em escala individual, associada ao nome de Bernard Lahire. Não estamos aqui reivindicando nenhuma paternidade, continuidade ou rupturas, pois seguramente não se pode tomar uma por outra, mas no exercício da comparação reflexiva, podemos perceber que entre as duas há preocupações semelhantes, ou seja, *o problema da diferença no seio da unicidade e vice-versa, a dialética relação entre a causalidade externa e a causalidade interna* (em Bastide), ou *a relação entre o social desdobrado e o social dobrado, o contexto e as disposições* (em Lahire). Apesar dessas homologias, as soluções adotadas por cada um obedecem a regras ditadas pela marcha do conhecimento. Há muitas formas de um clássico (hoje bastante esquecido) permanecer no pensamento dos

contemporâneos, se não é pela continuidade, pelo desdobramento, pode ser pelas persistências dos problemas encarados. Natural, neste tipo de exercício que as perguntas e dúvidas se apresentem mais do que as respostas.

Não resta dúvida que Roger Bastide possui um inegável papel na formação da sociologia no Brasil. Seu pioneirismo o levou a ver a necessidade de aproximar a sociologia da psicologia e da psicanálise. E nesse empreendimento antecipou muitas das questões que agora os sociólogos da sociologia do indivíduo encaram de frente. Podemos citar o fato de já na década de 1940, interessar-se por uma sociologia do sonho, empreendimento que, depois dele, de alguma forma também foi considerado por seus ex-alunos, Florestan Fernandes e José de Souza Martins. E só recentemente, Lahire chegou a publicar o primeiro volume da sua interpretação sociológica dos sonhos. Timidamente, Bastide lá aparece citado.

Pluralismos, fronteiras, justaposições

Bastide diante das várias experiências que viveu e com as quais se deparou em contextos bastante diversificados, como o caso da Europa, África e, especialmente, Brasil, viu-se diante de dilemas empíricos que matizaram dilemas teóricos bastante profícuos que desembocaram na sua teoria da interpenetração das civilizações, e mais especificamente, na sua formulação do “princípio do corte”. Bastide, ele mesmo é um exemplar interessante do que Lahire define como *homem plural*. “Europeu e protestante, era também filho de Xangô e brasileiro” (QUEIROZ, 1983, p. 21). Na verdade, representa em si, os dilemas que detectou existirem entre nós, brasileiros. Caráteres distintos e tidos como contraditórios reunidos numa única personalidade, e que como diz Queiroz, na obra e página citadas anteriormente, uma personalidade que não poderia ser “plenamente compreendida senão considerada no conjunto aparentemente contraditório que compunha. [...] A ambiguidade essencial da sociedade e das civilizações brasileiras havia assim modelado à sua imagem tanto o sociólogo quanto o homem”. Instigante seria a algum sociólogo que esteja navegando nas águas da sociologia em escala

individual, elaborar o retrato sociológico de Roger Bastide,⁹⁴ tal como Lahire tem feito com Kafka.

Sua compreensão de como culturas díspares são obrigadas a conviver a partir das relações que os indivíduos mantêm com outros indivíduos e consigo mesmos, levou-o a opor-se a ideias em voga na sua época, ligadas a equívocos interpretativos do culturalismo, e ranços do evolucionismo, sendo as ideias de “sincretismo”⁹⁵, dualismo, atavismo e marginalidade, os alvos da crítica.

Em *As religiões africanas no Brasil*, Bastide nos apresenta as linhas gerais de sua teoria das interpenetrações de civilizações. Conforme Bourdieu,

On ne saurait donner une idée, en quelques lignes, de la richesse extrême de cet ouvrage. A travers le cheminement minutieux de l'analyse d'une société concrète, M. Bastide fait surgir les problèmes méthodologiques et théoriques que le sociologue rencontre dans l'étude des contacts de civilisations, et il pose les fondements d'une théorie générale des interpénétrations culturelles (BOURDIEU, 1969, p, 116).⁹⁶

Portanto, o nome de Roger Bastide associa-se aos chamados processos de contatos e interpenetrações de ideias e civilizações, inspiração sociológica que surge da observação de sociedades híbridas, formadas a partir do encontro de povos e culturas bastante distintas, como é o caso do Brasil. Na época, as concepções e teorias sobre cultura e sociedade ainda estavam bem marcadas por certos essencialismos, dos quais Bastide, apesar delas se diferenciar, não consegue

⁹⁴ A “estética sociológica” de Bastide o levou a se ocupar com a vida e a obra de alguns escritores, o que não está muito afastado do que se procura fazer ao elaborar retratos sociológicos. Diz ele: “Criamos então um método para procurar através da obra escrita os complexos religiosos que muitos nem mesmo sonhavam possuir. Assim escrevemos em França estudos sobre a influência tão sutil, mas reconhecível, do judaísmo em Proust, sobre a influência da infância protestante em Gide, sobre o catolicismo de Mauriac” (BASTIDE, 1973, p. 4).

⁹⁵ Aqui cabe um agradecimento e uma ressalva. Agradecimento ao parecerista anônimo por ter nos alertado que pouca atenção demos ao conceito de sincretismo no pensamento de Bastide, como se dele o autor tivesse se desvinculado. A ressalva, Bastide não se desfez do conceito, na sua obra não há um significado único para “sincretismo”. E se ele rechaça a visão mais vulgarizada e corrente na sua época: sincretismo como sinônimo de mistura desordenada e caótica entre elementos culturais distintos, por outro lado reelabora o conceito a partir de outro: interpenetrações de civilizações, que vai nos levar ao “princípio do corte”, justaposição e “sincretismo profundo” - aquele que ocorre no nível da causalidade interna (aculturação formal).

⁹⁶ “Não se pode dar em poucas linhas uma ideia da riqueza desta obra. Analisando minuciosamente uma sociedade concreta, Bastide traz à tona os problemas metodológicos e teóricos que o sociólogo encontra no estudo dos contatos de civilizações, e apresenta os fundamentos de uma teoria geral das interpretações culturais.” (Tradução livre)

se desvencilhar totalmente. Costumava-se pensar a cultura como uma entidade com vida própria, uma espécie de estrutura (alma) que determinaria o agir, o pensar e o sentir dos indivíduos. Assim era possível falar em sociedade e cultura não só como dois conceitos heurísticamente distintos, mas como diferentes partes reais do mundo.⁹⁷ Era possível pensar em sociedades monoculturais e sociedades pluriculturais - ecos das ideias dos clássicos da disciplina, desde a lei dos três estados de Comte, a especialização do trabalho de Marx, passando pelos tipos de solidariedade de Durkheim, e pelos caminhos da *Gemeinschaft* e *Gesellschaft*, às pluralidades de formas de socialização até a especialização dos domínios do mundo na forma de desencantamento e racionalização em Weber. Uma sociedade provida de uma cultura, se mostraria mais homogênea, apesar das diversidades encetadas pela especialização das atividades sociais. Em sociedades onde há a prevalência de uma cultura, é possível pensar em um habitus (no sentido de Elias) ou mentalidades no sentido de Lévy-Bruhl, ou personalidade básica como aceita o próprio Bastide, ou moralidade no sentido Durkheimiano. Para Durkheim, por exemplo, para além da divisão do trabalho social, marca da sociedade moderna, leia-se ocidental, haveria um princípio moral unificador, uma nova religião que apesar de enfraquecer a consciência coletiva como totalidade, não colocou em risco, pelo menos em condições normais, a solidariedade social, pelo contrário, tornou-se fonte de solidariedade. Estamos falando da religião do indivíduo, os valores do individualismo. Este novo individualismo como uma espécie de síntese entre os sentimentos de egoísmo e altruísmo, síntese, mais próxima a Spencer do que a Comte.

Seguindo este paradigma, o que viriam a ser as sociedades pluriculturais? Sociedades que passam a existir a partir do “encontro” de culturas ou civilizações distintas. Apesar dos contrastes culturais (valores, normas, regras, simbolismos, técnicas), no nível social seria necessária uma coordenação, ou em outros termos, uma certa harmonia, ainda que conseguida às custas de sobrepujamento dos conflitos. Porém, o que escapa ou esborra dos liames coercitivos, deve ser encarado nas produções e processos culturais e, principalmente, no interior do

⁹⁷ Cá estamos na seara do velho dilema que continua unindo clássicos e contemporâneos. Estrutura versus agência, pelo qual a obra de Bastide encontra-se inteiramente atravessada.

indivíduo, na sua subjetividade. Então, sociologicamente falando, pela boca da sociologia da época, para sociedades monoculturais corresponderia um tipo de indivíduo, para as sociedades pluriculturais, corresponderia outro. Um outro que Robert Park usou o termo “homem marginal” para designá-lo. Para ele, trata-se de um “híbrido cultural, indivíduo que se encontra em duas culturas distintas e não pode ser aceito plenamente nem por uma nem por outra” (VALLADARES, 2010, p. 40).

Assim como Park, é para este “outro” que Bastide dirige sua atenção, contudo, desacreditando a tese do “homem marginal”. Tratava-se de contrastes, oposições, sem dúvida, mas não havia o desajuste que se dizia ser característica do “homem marginal”.⁹⁸

A estada de Bastide no Brasil, de 1938 a 1954, forneceu-lhe elementos importantes para que consolidasse seu pensamento sociológico. Encontrava-se diante de um cenário que o obrigaria a mudar muitas de suas concepções advindas da sociologia francesa, berço de sua formação. O Brasil era um grande laboratório, uma terra de contrastes, e

[...] o sociólogo que estuda o Brasil não sabe mais que sistema de conceitos utilizar. Todas as noções que aprendeu nos países europeus ou norte-americanos não valem aqui. O antigo mistura-se com o novo. [...] Seria necessário, em lugar de conceitos rígidos, descobrir noções de certo modo líquidas, capazes de descrever fenômenos de fusão, de ebulição, de interpenetração, noções que se modelariam conforme uma realidade viva, em perpétua transformação. O sociólogo que quiser compreender o Brasil não raro precisa transformar-se em poeta (BASTIDE, 1976, p. 15).

Sua pergunta inicial, propunha saber como podem os negros brasileiros manifestar comportamentos, a sua vista tão contraditórios, sem, contudo, demonstrar conflito ou frustrações? Tal comportamento contraditório feriria um dos princípios importantes da modernidade, o da identidade. Lahire se pergunta coisa parecida: como um *habitus* pode ser coerente, transponível e generalizável em contextos às vezes bastante distintos? Como pode haver uma coerência à nível

⁹⁸ A tese do “homem marginal”, inicialmente proposta por Park em 1928, inspirada nas ideias de Simmel, não é tão rasa como aqui fazemos parecer por motivos de espaço. O conceito passou por transformações significativas. Para informações esquemáticas sobre a questão ver Valladares (2010).

de princípio gerador ou gramática de sentimentos, ações e pensamentos entre os indivíduos sem que se caia numa hipóstase? Assim como Lahire, Bastide acreditava que era necessário levar o foco para dentro do indivíduo, em busca de compreender as contradições e os equilíbrios. É o que ele fez a respeito das religiões e da literatura:

Mesmo quando se passa de uma religião à outra, a mudança de dogma não traz, *ipso facto*, uma metamorfose destas potências interiores, destas forças hereditárias. O consciente não exorciza com facilidade estas multidões de ancestrais clamando contra nós, não destrói com um só golpe estas cidades d'Ys escondidas - os sinos continuam por muito tempo a cantar sob a superfície das águas (BASTIDE, 1973, p. 4).

Inspirando-se na psicanálise, porém procurando esclarecer que apesar das analogias, seu método é uma socioanálise que se expressa como uma abordagem que não se faz nas profundezas do inconsciente:

O psicanalista só poderia ter o procedimento que tem porque explora as camadas mais remotas do inconsciente, o que não pode passar ao pensamento claro, o que a censura prendeu para sempre e cuja revelação só pode vir sob o disfarce dos símbolos. Nós já nos colocamos na fronteira, na zona intermediária entre o claro e o escuro, nesta região de trocas constantes entre o consciente e o inconsciente (BASTIDE, 1973, p. 8).

E o seu principal conceito, emerge das problemáticas das fronteiras externas e fronteiras internas. Das observações feitas, especialmente sobre o candomblé baiano, aparece o “princípio do corte” que vai evoluindo ao longo do seu pensamento. O que é ser africano, negro ou afro-americano para Bastide?

[...] o mesmo indivíduo não representa o mesmo papel nos diversos grupos de que faz parte; mas tem uma importância particularmente grande para o homem marginal, pois lhe permite evitar as tensões próprias dos choques culturais e as dilacerações da alma; o negro brasileiro pode participar da vida econômica e política brasileira e ser ao mesmo tempo um fiel das confrarias religiosas africanas, sem sentir uma contradição entre esses dois mundos no qual vive. Ora, é possível que, da mesma maneira, “os tempos fortes” de uma sociedade afro-americana possam derivar sempre da África,

enquanto que o mesmo negro, em sua vida cotidiana, pertence a uma “cultura negra” muito diferente das culturas africanas (BASTIDE, 1974, p. 28).

Os afro-brasileiros carregam em si dois mundos: o europeu e o africano.⁹⁹ Trata-se de justaposição, são dois mundos internalizados que não se misturam, se justapõem. Com esta categoria conceito, ao mesmo tempo, Bastide responde aos pensadores sociais brasileiros, negando sua explicação via a noção vulgar de sincretismo. E responde também a Lévy-Bruhl, negando a lei da participação, esta que a princípio tinha sido seu ponto de partida. E vale dizer que assim como refuta Lévi-Bruhl mostrando que a lei de participação não pode ser uma categoria do pensamento, assim também o “princípio do corte” não pode ser tomado como um universal, ambos são decorrentes da estrutura do grupo e do próprio grupo, ou seja, são históricos e sociais, significando que dialeticamente se transformam ou mesmo podem desaparecer.

Bastide (1955) nos fala do “princípio do corte” como uma saída para duas outras entradas teóricas, a de Durkheim sobre as formas de classificação dos “primitivos” e a de Lévi-Bruhl sobre a mentalidade pré-lógica. Segundo Bastide, ambos têm razão, porém ambos também se equivocam, daí o “princípio do corte” surgir como conciliação:

Nous avons essayé de concilier ces deux conceptions opposées en montrant que les Africains connaissent bien la participation mystique, mais que tout ne participe pas à tout; les chaînes de participation s'arrêtent à un moment donné; c'est quand on passe d'un secteur de la réalité à un autre. Bref, les participations jouent à l'intérieur d'un système classificatoire du cosmos. C'est ce que nous avons appelé le principe de coupure (BASTIDE, 1955, p. 6).¹⁰⁰

Alerta o autor que não se pode conceber este princípio sem considerar, além do princípio de participação (modificado em relação à concepção de Lévi-Bruhl), um terceiro, o princípio de correspondência. Assim, o cosmo está dividido em

⁹⁹ Bastide dá pouca atenção aos indígenas.

¹⁰⁰ “Tentamos reconciliar essas duas concepções opostas mostrando que os africanos conhecem bem a participação mística, mas nem tudo participa de tudo; as cadeias de participação param em um dado momento; é quando nos movemos de um setor da realidade para outro. Em suma, as participações acontecem dentro de um sistema classificatório do cosmos. Isso é o que chamamos de princípio de corte.” (Tradução livre).

domínios, dentro de cada domínio prevalece o princípio de participação, mas entre domínios a participação cessa. Porém não é certo que estes domínios sejam incomunicáveis, entre eles atua o princípio de correspondência (contribuição de Griaule) que funciona por analogia. Estes três princípios permitirão que dentro de determinada sociedade possa existir justaposição, equilíbrio. Mas acrescenta que destes três, o mais importante é o princípio do corte *car il est en quelque sorte la chanière entre les deux autres: c'est au dedans des coupures que jouent les participations mystiques et c'est entre ces coupures que jouent les correspondances mystiques* (BASTIDE, 1955, p. 7).¹⁰¹

Com isso, diz ser necessário revisar a célebre teoria do “homem marginal”, *l'homme divisé en deux troçons contradictoires qui se battent au dedans de lui* (BASTIDE, 1955, p. 9).¹⁰² O afro-brasileiro escapa da desgraça da marginalidade graças ao princípio do corte. E diz ele, aquilo que algumas vezes denunciemos como duplicidade do negro, na verdade é sinal de sua grande sinceridade. Assim, a sua fidelidade à religião de seus pais (africana) não o impede de forma alguma de ser ocidental no domínio econômico profissional, nem de ser um ardente patriota no domínio político. Ele é tão nacionalista politicamente como misticamente africano (BASTIDE, 1955, p. 9). Se havia alguma validade na tese do “homem marginal” entre os afro-brasileiros, essa se aplicaria somente ao intelectual de cor, porque o homem do povo não sentiria esse problema, pois vive em muitos mundos que não se defrontam, porque não ocupam os mesmos setores da vida técnico, econômico, político, religioso ou social (BASTIDE, 1974, p. 179). E vale ainda acrescentar que Bastide gradativamente tendia a ver no princípio do corte algo que não se limitaria aos negros brasileiros. Segundo Queiroz, ele acabou descobrindo a relatividade fundamental do sistema de valores, das visões do mundo dos brasileiros. “A existência de uma multiplicidade de visões no interior de cada camada social seria o fator fundamental que permitia, na realidade brasileira, a coexistência tranquila de elementos contraditórios” (QUEIROZ, 1983, p. 41).

¹⁰¹ “... porque é de certo modo o que conecta os outros dois: é dentro dos cortes que ocorrem as participações místicas e é entre esses cortes que as correspondências místicas acontecem.” (Tradução livre).

¹⁰² “... o homem dividido em dois pedaços contraditórios que estão lutando dentro dele.” (Tradução livre).

Para Bastide, a situação da sociedade brasileira, pluricultural, interpenetrada por civilizações diferentes, longe de ser a causa do fracasso do progresso como acreditavam os primeiros pensadores sociais brasileiros, dos quais foi leitor em profundidade, pelo contrário, era a marca de um dinamismo, de uma dialética social muito rica. Para ele, segundo Queiroz (1983, p.41) “a multiplicidade de divisões no interior de cada camada social abria caminho para o aparecimento de instituições novas”. Bastide tinha uma visão otimista quanto ao futuro do Brasil, dizia ele, no final da década de 1950, que o país havia se tornado uma potência muito desenvolvida para ficar presa à América do Sul, estava-lhe reservado um papel internacional de primeiro plano: “Todo humanismo que não se renova, está fadado a perecer, e nossa civilização latina está arriscada, na Europa, a se esclerosar em formas arcaicas. É o Brasil quem pode ajudá-la a rejuvenescer, devido à sua atividade dinâmica de jovem República americana” (BASTIDE, 1976, p. 281). Este seria o destino de um país que conseguiu unir, “num sincretismo tão feliz”, civilizações tão diversas quanto as indígenas, africanas e portuguesa.

Para finalizar esta seção, vamos dizer que os pluralismos demarcados por Bastide, levam-nos a uma discussão sobre fronteiras e justaposições, desaguando no princípio do corte, e a partir daqui podemos, então, tentar uma síntese deste exercício de pensamento.

Sínteses...

Bastide começa seus estudos no Brasil a partir da ideia de que o princípio do corte é uma característica do pensamento africano, depois transfere essa qualidade também para os negros, e finalmente percebe que poderia ser aplicado aos brasileiros em geral. Uma vez na França, amplia sua aplicabilidade para estudantes africanos morando naquele país. E por último, tinha dúvida se o princípio não seria universal. Solve-a optando por uma aplicação restrita às situações de contatos culturais (BASTIDE, 1971). Compreendia que este princípio não correspondia a uma categoria do pensamento, e sim a uma categoria da ação. Como construção social e histórica, poderia desaparecer, tal como aconteceu com os intelectuais negros no Brasil, que ao se “embranquecerem”, criaram uma “ideologia da negritude” e ao se

colocarem nesta nova posição passaram a viver mais agudamente as contradições advindas da realidade social por que havia desaparecido ou se atenuado entre eles o princípio do corte, o mecanismo de defesa que, como causalidade interna, não só reagia à causalidade externa, a remodelava de maneira equilibrada permitindo as justaposições.

Neste caso, o processo de interpenetração se aprofundou desembocando no que Bastide chamou de aculturação formal (BASTIDE, 2001). Ele diferencia aculturação material de aculturação formal, a primeira ocorre num nível mais superficial da interpenetração, a segunda por sua vez, como explica Motta (2005, p.166), “se realiza quando se altera a maneira de perceber o fenômeno material, isto é, quando se altera o espírito, o *éthos*, a significação, o contexto civilizacional do fenômeno”. Exemplos desse tipo de aculturação são vistos na situação dos negros brasileiros que se “embranquecem” ao se intelectualizarem - oposição entre africanidade e negritude - e que passam a pensar, sentir e agir a partir das categorias ocidentais, ou no caso da umbanda também “embranquecida”, que no dizer de um dos discípulos de Bastide, resultou como síntese refletida entre a macumba carioca e o kardecismo europeu em um contexto ligado à urbanização, modernidade e à industrialização do Brasil, especialmente na Região Sudeste (ORTIZ, 1999). Segundo Cuche, essa distinção entre os dois tipos de aculturação foi a contribuição mais inovadora ao princípio do corte, porque por meio dela Bastide conseguiu atingir as estruturas perceptivas, mnemônicas, lógicas e afetivas dos indivíduos: “o que Bastide descobre, durante suas pesquisas, são não só os cortes entre conteúdos e as formas, mas também, e principalmente, cortes mesmo no nível dessas formas psíquicas” (CUCHE, 2005, p. 254).

Pulula na obra de Bastide uma preocupação cara a toda sociologia, a relação entre estrutura e agência, sendo a questão da aculturação apenas uma das derivações. Herdeiro da tradição sociológica francesa, foi com as ideias de Durkheim que Bastide iniciou sua formação, mas com quem também manifestará divergências. “Reprochava a Durkheim, ele ter ‘eliminado a iniciativa do pensamento humano’ do quadro de suas explicações” (QUEIROZ, 1983, p. 54).

A sociologia de Bastide procura restabelecer a noção de indivíduo como agente indispensável. Elemento-chave no processo de interpretação sociológica, pois seu modo de agir envolve tanto potencialidades biológicas quanto os determinismos sociais, e mais do que isso, “os frutos da experiência individual, única, peculiar, intransferível; o que era mais, desta conjunção, que representava divergências, tensões, conflitos, se originavam as modificações sociais” (QUEIROZ, 1983, p. 61). Para usar uma linguagem atual, poderíamos dizer que as experiências individuais (experiências socializadoras) jogam um peso importante na explicação sociológica bastidiana.

Três textos do autor tratam dessa problemática: *La causalité externe et la causalité interne dans l'explication sociologique* (BASTIDE, 1956), *Sociologia do sonho*¹⁰³ (BASTIDE, 1974a; BASTIDE, 2006) e *O sagrado selvagem* (BASTIDE, 2006).

No texto da “Causalidade externa e a causalidade interna...” aborda a relação entre sociologia e psicologia na questão da explicação dos fatos sociais, procurando compreender as causas da evolução de toda sociedade. Daí surgem os dois tipos: as externas e as internas. Assim definidas: “entende-se por causalidade externa a ação exercida pelo meio social e, por causalidade interna, a ação transformadora que o meio psíquico individual impõe a esses estímulos vindos de fora” (BASTIDE, 1956, p. 77). Estas duas causas estão em interação dialética, mas tudo se passa como se, a causalidade interna assumisse papel importante no processo de evolução da sociedade, pois está ligada diretamente às ações dos indivíduos, à sua “subjetividade”, mas também a uma “inconsciência coletiva” internalizada. Nesta ocasião, Bastide tinha como principal propósito saber se esta dupla noção ainda tinha algum valor para a explicação sociológica. A conclusão a que chega é a de que a dupla causalidade encontrará sua validade no exercício de uma sociologia em profundidade, ou seja, compreender como estas duas causalidades se articulam para transformar as sociedades ou grupos, em um

¹⁰³ Em português, há três publicações sobre a sociologia do sonho. A primeira aparece em *Sociologia e psicanálise* (edição brasileira de 1974) e a segunda no livro *O sagrado selvagem e outros ensaios* (edição brasileira de 2006). Apesar do título ser praticamente igual (a diferença é que no primeiro texto aparece “sonhos”, no plural) mas há significativas diferenças entre eles. A segunda versão acrescenta elementos que Bastide havia mencionado como necessários, porém ausentes na primeira versão. A terceira aparece em *O sonho, o transe e a loucura* (edição brasileira de 2016), derivado de conferência feita por Bastide em 1967.

processo que é dialético e contextual.¹⁰⁴ É importante notar que não se trata de um psicologismo, mas de uma sociologia em profundidade.

“Até que ponto interessa o sonho ao sociólogo?” Esta é a pergunta que abre o texto sobre os sonhos (1974a). O objetivo é compreender como dois elementos se articulam no sonho: o social e o libidinal. Como derivação, Bastide se pergunta sobre a relação entre sociologia e psicanálise. A conclusão mais uma vez segue o caminho da dialética traçado acima: “os símbolos sociais podem penetrar no sonho e por isso mesmo mudar de significado; graças ao próprio mecanismo do pensamento onírico, os símbolos libidinosos podem penetrar na cultura [...]” (BASTIDE, 1974, p. 240).

Estudando os “sonhos de pacientes negros em diáspora, numa sociedade organizada, controlada e dirigida por brancos”, Bastide conclui que o sonho (além do sonho acordado, o devaneio e a imaginação) tem papel vital na “dinâmica de uma personalidade que se constrói ou se renova ao longo do tempo, para estabelecer, na continuidade entre o estado de sono e o estado de vigília, o mundo dos sonhos e o da práxis.”(BASTIDE, 2006, p. 138).

Na análise que faz do contexto pós 1968 (o que se convencionou chamar de pós-modernidade), Bastide se questiona sobre as transformações religiosas ocorridas, conclui que

A revolta contra o instituído social resulta, assim, nos mesmos fenômenos coletivos que a revolta contra o instituído religioso, pois é preciso criar uma religião a partir da experiência instituinte do sagrado, vivenciado dentro do transe original. Em ambos os casos, trata-se do mesmo recurso ao “selvagem”, entendido como antidomesticado” (BASTIDE, 2006, p. 268).

¹⁰⁴ Em muitos momentos do texto, temos a impressão de que Bastide está se referindo às mesmas questões de Lahire no que se refere ao “jogo” entre contexto de um lado (causalidade externa) e disposições do outro (causalidade interna), contudo são apenas intuições que demandam mais trabalho para extrair conclusões consistentes. O que se pode dizer, por exemplo desta indagação de Bastide (1956, p.83): “isto que é de um lado causalidade externa, não seria de outro, causalidade interna? Parece-nos similar a metáfora do social desdobrado e do social dobrado utilizada por Lahire.

O sonho assim como o transe, ou o sagrado selvagem, se colocariam como instituintes em oposição a “coisas” instituídas, o que demonstraria a força criadora dos indivíduos.

Em suma, já chegando ao desfecho, ao contrário do que pensam aqueles que fazem leituras apressadas da obra de Bastide, o “princípio do corte” não nega as oposições e contradições, enfatiza-as, equilibrando-as, separando as áreas por “corte”. O indivíduo não é cortado, não é dilacerado exatamente por que existe o “princípio do corte”. Diz Bastide, é um mecanismo de defesa.

Prováveis lacunas na obra de Lahire e possíveis contribuições de Bastide: reflexões germinais

Pensando na sociologia em escala individual, ela postula que cabe ao contexto o papel de inibir, ativar, apagar disposições, enquanto que as “forças internas” do indivíduo pouca ênfase ganham no processo. O que nos diz o princípio do corte (enquanto algo que se localiza na fronteira entre consciência e inconsciência) é que a ativação ou inibição de comportamentos não são meramente determinados pelo contexto, mas por um elemento subjetivo e social ao mesmo tempo, que parte do indivíduo (derivações da dialética da causalidade externa e causalidade interna). Podemos arriscar dizer que a imagem que Bastide tem do afro-brasileiro é de um “indivíduo plural”. É óbvio que não na mesma acepção de Lahire, o que não nos impede de traçar analogias. Se para Bastide o seu “indivíduo plural” é típico de situações de contatos culturais, para Lahire seu modelo de homem plural é típico de sociedades diferenciadas.

A pergunta que segue se aplica aos dois: o que garante a “integridade” (no agir, sentir, pensar e crer) desse indivíduo plural? Para Bastide, a solução advém do “princípio do corte.” Mas não só disso, de elementos outros no nível não só do racional, mas também do irracional (sonho, imaginação, devaneio, poder criador artístico, sonhos acordados...).

Para Lahire, a situação se equilibra na linguagem expressa numa fórmula que liga contexto a disposições.

Eis uma inquietação: por que um(a) professor(a) universitário(a) pode ser religioso(a) e cientista ao mesmo tempo, sem parar de funcionar, sem encontrar conflitos internos fortes demais para imobilizá-lo(a)?¹⁰⁵ Bastide responderia com o “princípio do corte”; Lahire, resumindo, diria que é possível que disposições contraditórias sejam inibidas, dependendo do contexto. O contexto impede que as duas se manifestem ao mesmo tempo e travem a ação no fluxo cotidiano da vida.

Traremos, abaixo, um exemplo da já mencionada pesquisa que estamos realizando. Conforme exposto no quadro a seguir, a docente universitária retratada possui tanto disposições científicas, quanto disposições religiosas. Idealmente essas disposições remetem a uma noção de contraditoriedade, mas de algum modo coabitam corporificadas na pesquisadora em questão sem implicar conflitos interiores ou travamento da ação.

Na fala da docente, (últimas linhas do quadro abaixo), ela relata sobre um espaço, um semicírculo de grandes proporções, construído por ela e seus alunos na instituição em que leciona, por meio de um projeto que envolve o estudo da matemática através de geodésias. Após o espaço ter sido concluído, um dos alunos expressa o seu desejo de transformar aquele local em um espaço religioso, ideia que de pronto é negada pela professora. Por que, embora perceba a relação entre o universo científico e religioso como complementar, segundo narra, ela decide negar o apelo?

É possível que o “princípio do corte” de Bastide possa fornecer para essa situação pistas que auxiliem na busca por uma ampliação da explicação, na medida em que a negação da docente insinue uma ideia de separação, corte, cisão, entre diferentes esquemas disposicionais que possui relacionados à ciência e à religião. Não é salutar, todavia, que tracemos aqui apressadamente um veredito interpretativo. Utilizemos o exemplo apenas para elencar alguns pontos que

¹⁰⁵ Considerando que há nas sociedades herdeiras da cultura ocidental uma oposição entre ciência e religião, é proveitoso perceber, dentro do quadro da sociologia individual como essas disposições nascem e se relacionam nas formas comportamentais dos indivíduos. Como disse Bastide, a cultura é uma abstração, então não é a ciência que nega a religião e vice-versa, mas são os indivíduos na relação com outros indivíduos, e na relação consigo mesmos, nos seus comportamentos, que agem/creem/pensam/sentem religiosa ou cientificamente.

identificamos como problemáticos da sociologia em escala individual como evocada por Bernard Lahire.

Em primeira instância, é necessário um exercício reflexivo a partir dos seguintes questionamentos: a forma de tratar o processo de inibição/ativação das disposições em função dos contextos, conforme postula Lahire, tem sido suficiente para explicar todo e qualquer tipo de ação dos indivíduos? Um contexto seria capaz de ativar apenas disposições compatíveis com o que se espera daquele contexto ou poderia ativar ao mesmo tempo disposições contrárias entre si? Ativando disposições contrárias, como o indivíduo é capaz de agir sem entraves? No caso de um contexto ativar disposições antagônicas, o que passa a determinar se o indivíduo agirá de uma ou de outra forma? Pensemos o caso apresentado da professora, no instante em que é inquirida sobre a possibilidade de criar um espaço religioso dentro do espaço acadêmico, ela opta por responder negativamente, todavia, o que determinou sua tomada de decisão foi apenas o contexto? E mais: o que atuou como contexto, nesse caso?

A última pergunta direciona-nos a um outro nível de reflexão. Com efeito, ao observamos, na pesquisa empírica, a amplitude do que poderia significar o “contexto universitário”, por meio da trajetória dos entrevistados, esbarramo-nos em um questionamento de maior grandeza. Esse refere-se ao núcleo conceitual que assume a categoria “contexto” na obra de Bernard Lahire e as suas possíveis limitações.

Na fórmula: disposição + contexto = ação, da teoria disposicionalista e contextualista de Bernard Lahire não é possível encontrar, mediante seu compêndio de obras publicadas (2002, 2002b, 2004, 2006, 2006b, 2006c, 2006d, 2010, 2011, 2012, 2016, 2018), uma discussão aprofundada sobre qual significado atribui ao “contexto” especificamente, de que substância ele é produzido. O contexto é formado pela justaposição, mistura e ou/ soma das disposições daqueles que o compõe? Ou está para além desses esquemas disposicionais individuais, revelando características *sui generis*? Aqui, como que em uma manifestação do eterno retorno, parece irromper mais uma vez a figura arquetípica do que convencionamos, em outro momento, chamar de *ouroboros* sociológico, com a qual

a sociologia indica estar fadada a confrontar-se continuamente. Ou seja, a conceituação do termo “contexto” exige o reforço de um posicionamento ontológico acerca da relação entre indivíduo e sociedade, agência/estrutura - tocando no âmago de um caro e perpétuo debate na sociologia.

De acordo com Vandenberghe (2016, p. 99), “contexto” na teoria de Lahire, é um tipo de conceito “guarda-chuva”, “que abarca tudo com que os atores deparam-se no seu ambiente e que impinge sobre suas ações no presente e a partir do exterior (classe, poder, organizações, instituições etc.)”. Abrangendo assim, desde espaços sociais abstratos, verticais e hierarquicamente estruturados, a domínios funcionais e institucionais diferenciados horizontalmente, como também contextos de amplitude micro e, por fim, até mesmo contextos que “servem de pano de fundo imediato da ação”.

De fato, todo o espaço social global que Lahire (2012) bem detalha em sua obra “Mundo Plural” findam por integrar a mesma categoria de contexto. O redimensionamento que Lahire operacionaliza, partindo do que ele considera o “limitado conceito de campo” de Bourdieu (1983, 1996), passa a pecar por um problema oposto: a generalização e abrangência das situações que engloba. O problema é que há uma profunda diferença entre os infinitos tipos de situações que integram uma única categoria. Ao não indicar a necessidade de precisas subcategorias, é possível que ocorram falhas, lacunas e equívocos no processo analítico e interpretativo das pesquisas.

Lahire trata da heterogeneidade das disposições inter e intraindividuais, bem como da heterogeneidade inter-contextos nas sociedades altamente diferenciadas, mas o que fica de fora são as variações “intra-contextos”. Acima da necessidade de explicitar a condição essencial do processo formativo dos contextos, faz-se urgente o foco na diferenciação dos subníveis que os compõe, na tentativa de minimizar falhas interpretativas quando da aplicação do conceito à dimensão analítica da pesquisa prática.

Indo ainda mais a fundo, o que se observa é que o autor de “O homem plural” parte do princípio de que o contexto é algo em si homogêneo/singular. Quando a

não singularidade dos contextos passa a ser evidenciada, torna-se patente um processo de escolha que exige o indivíduo.

Bastide (1973) leva-nos a pensar sobre estas situações de contradições intra-contextos. Ele analisa a produção dos escritores negros brasileiros. Ele sabe que a beleza da obra de arte dependerá em boa parte dos obstáculos vencidos pelo produtor. Refere-se a obstáculos interiores (cremos tratar-se de dois mundos contraditórios dentro de si: negro pela cor e branco pela educação), estes ao serem superados vão criar formas suntuosas apesar (e por causa) da força do contexto que o discrimina e inferioriza. Como faz notar Queiroz (1983, p. 24):

O indivíduo se tornava então um autêntico criador de beleza, porém esta só era criada em resposta à pressão do meio social sobre ele; na raiz de uma obra de arte, eram encontrados o meio social e suas particularidades, de um lado, e de outro lado o produtor e sua maneira específica de responder aos estímulos da sociedade em que vivia.

Parece-nos um exemplo de como disposições literárias conseguiram se formar e se ativar em um contexto mais geral desfavorável. É certo que estes escritores negros tiveram educação europeia (um contexto educacional), o que lhes garantiu “disposições literárias”, porém não dá para desconsiderar que a “educação literária estava” atravessada por um contexto bem mais forte ligado à condição de ser negro numa sociedade escravista, com tendência a inibir tais disposições mais que ativá-las. Assim, a ideia de contexto em Lahire carece de maior aprofundamento e análise, por exemplo, não podemos pensar somente em conflitos de disposições, é necessário considerar o conflito entre os contextos que atuam sobre a ação, e mais do que isso, um contexto atravessado de cabo a rabo pela presença de outros indivíduos, colocando em ação seus estoques de disposição.

Portanto, é oportuno perceber como o contexto, independente do que ele seja, às vezes pode trazer condições ao mesmo tempo para inibir e ativar a mesma disposição, ou ativar disposições contraditórias, ou inibir disposições complementares etc. Estamos diante de questões que a fórmula de Lahire não resolve, porque nela não há o devido espaço para a “subjetividade”:

reflexividade, criatividade, improviso, emoção - coisas que extrapolam disposições e contexto.

Mesmo ainda não muito familiarizados com a ideia de uma sociologia existencial proposta por Vandenberghe¹⁰⁶, inclinamo-nos a concordar com sua afirmação de que há no pensamento de Lahire, hiperdeterminismo e hipersociologismo (VANDENBERGHE, 2013). O que todo este esforço de retorno às obras de Bastide nos deu, foi a intuição de colocar em “suspeição” os determinismos e sociologismos da sociologia em escala individual.

Quanto à fórmula de Lahire (passado incorporado + contexto = ação), seria preciso acrescentar um terceiro elemento, que na falta de uma palavra menos visada, chamaremos “subjetividade”:

A importância dada por Lahire a algo que se aproxime de uma noção de subjetividade é bastante negligenciada, ainda que com sua teoria tenha dado um passo adiante quando comparado a Bourdieu, por exemplo.¹⁰⁷ Nesse sentido, é justo reconhecer que Lahire descortina um novo modelo para expressar a forma como as disposições interagem entre si, mediadas pelo indivíduo e pelos distintos modos em que são incorporadas. Lahire (2005, p. 21) acentua como o conceito de *habitus* utilizado pelo autor de “A distinção” (Cf. BOURDIEU, 2007) alicerçava-se inerentemente em uma ideia de disposições fortes. Entendendo o *habitus* como uma “segunda natureza”, ou “necessidade feita de virtude”, só havia espaço para pensar disposições com forte adesão à prática. Naquele modelo, o ator social parecia “nunca ter dúvidas, resistir, entrar em conflito consigo mesmo ou ser atraído por outros desejos e pulsões”.

Lahire (2005, p. 21) reconhece que a relação que os indivíduos mantêm com suas disposições ocorrem de modo extremamente mais complexo. Dá ênfase ao fato de que as disposições podem sim ser fortes, mas também podem ser fracas. A intensidade, segundo ele, dependerá de variáveis como: o modo e o

¹⁰⁶ Entrevista no prelo, a ser publicada na Revista Política e Trabalho (Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB) em junho de 2019.

¹⁰⁷ Não questionamos o fato de que Lahire, em suas obras programáticas aborde a questão da subjetividade, a explore em vários momentos e por vários ângulos, porém, quando se trata das pesquisas empíricas, vemos os elementos subjetivos se reduzirem à linguagem das disposições e dos contextos.

momento biográfico em que foram incorporadas e a recorrência da sua atualização. Além disso, demonstra como as disposições podem ser mobilizadas tanto por paixão quanto por rotina, bem como podem ser percebidas como um mau hábito e desencadear, por exemplo, uma luta de si contra si. Sem dúvida, todas essas questões levantadas terminaram por jogar luz em um hiato escondido pela noção de *habitus*: a capacidade reflexiva dos indivíduos.

O fato é que apesar de Lahire apontar um avanço quando traz para o debate a relação que os indivíduos mantêm com suas disposições, e isso tangencia a subjetividade, ele estanca quando se propõe a falar sobre esses processos internos e subjetivos. De maneira muito superficial essencializa a subjetividade no poder de reflexividade dos indivíduos e essencializa a reflexividade, enquadrando-a em dois tipos.

O primeiro tipo integraria o quadro mais amplo das disposições que o indivíduo incorpora nos processos de socialização. Sendo a escola uma das primeiras e principais instituições sobre a qual repousa a inculcação das disposições reflexivas, rompendo com o senso prático da ação. Essa reflexividade tem a ver com a relação estratégica, refletida e calculada da prática, permitindo que o indivíduo pese os prós e os contras antes de realizar uma ação, planeje atividades e elabore estratégias das mais variadas - comercial, militar, alimentar, de trabalho etc. - (LAHIRE, 2017).

O segundo tipo de reflexividade refere-se a uma condição ocasionada pelos desajustes entre as disposições que o indivíduo carrega consigo e as circunstâncias limites em que se encontra. É quando depara-se com uma situação nova para a qual não se sente preparado: um divórcio, a morte de um ente querido; ou quando passa por bifurcações biográficas, a exemplo dos migrantes e dos trânsfugas de classe. Esse gênero de ocorrência, no mais das vezes, pode desencadear dor, sofrimento e questionamentos existenciais sobre qual o sentido da vida ou quem se é verdadeiramente e seus modos de ser. “Todas essas situações são produtoras de reflexividade” (LAHIRE, 2017, p. 229).

Nestes moldes, é perceptível como em seu esforço de construção teórica para compreender a ação individual, Lahire não perscruta suficientemente as

dobras subjetivas do social dobrado. Quando a esse respeito, Lahire - sem utilizar o termo “subjetividade” - aborda apenas sobre tipos simplórios do que seria a reflexividade, deixa de lado inúmeros elementos que navegam constantemente no mar do universo subjetivo dos indivíduos, que envolvem não apenas a racionalidade, como no caso da reflexividade, mas também o irracional. Nessa direção, Bastide parece ter muito a nos falar em sua socioanálise quando trata da causalidade interna e da zona fronteira entre o consciente e o inconsciente. Conforme já exposto, a última obra lançada de Bernard Lahire *L'interprétation sociologique des rêves*, todavia, indica um interesse em dar maior atenção aos processos que envolvem de maneira direta o estado de não-vigília dos indivíduos, preocupação que pertenceu a Bastide, décadas antes.

Ao sugerirmos o acréscimo da subjetividade como um terceiro elemento a ser incluso na fórmula de Lahire, pensamos também em categorias que pudessem somar a essa análise e encontramos em Paul Ricoeur e Jocelyn Benoist, por meio da leitura de Corcuff (2001, 2017), conceitos como os de ipseidade (parte subjetiva da identidade pessoal, que faz o indivíduo enxergar sentido em sua própria unidade) e de momentos de subjetivação (distanciamento do outro e de si mesmo, uma rejeição da identidade. Indeterminações, hesitações, oscilações, movimentação. O eu não manifesta uma identidade de si, mas a expressão de uma irredutibilidade, de uma singularidade na precisão de um momento, de uma ação), os quais demonstram potencial para aguçar uma compreensão mais refinada da ação individual.

Nós sabemos que o trabalho está apenas começando, e Bastide nos acompanhou até aqui, como um espírito protetor, ajudando a traçar as primeiras reflexões. Na realidade, este artigo não passa de um esboço. E diga-se, não temos a pretensão de que Bastide possa substituir Lahire, ou que a sociologia das interpenetrações de civilizações possa substituir a sociologia em escala individual, nossa intenção é sensata por ser modesta, queremos abrir um diálogo entre esses modelos de pensamento sociológico.

É nesta condição, de incipiência, que queremos terminá-lo com um exercício de intertextualidade, incorporando ao texto algumas reflexões que nos foram apresentadas por um parecerista anônimo, a quem remetemos nossos agradecimentos. São avaliações bastante pertinentes para que fossem comentadas apenas marginalmente em nota de fim de página.

Nosso anônimo interlocutor, alude termos razão ao propor que o pensamento de Bastide, especialmente suas noções de “princípio do corte”, “princípio de participação” e “princípio de correspondência”, são profícuas para se pensar as possíveis fragilidades da sociologia em escala individual, no entanto, resente-se pelo fato de termos nos referido a elas apenas de maneira alusiva. Seria necessário, aprofundá-las, pois assim, se poderia visualizar como o “princípio do corte” poderia oferecer uma resposta consistente a aspectos particularmente problemáticos da teoria de Lahire. E então, endereça-nos as instigantes questões: - o “princípio do corte” poderia estar situado ao lado das disposições ou do contexto? - Poder-se-ia falar do “princípio do corte” nos termos de uma certa “disposição ao corte”? E se afirmativo, seria ela ativada por um contexto, ele mesmo marcado pelo “princípio do corte”? Arremata seu parecer alegando que as respostas a essas perguntas, poderiam nos mostrar de maneira consistente como a sociologia de Bastide pode contribuir para uma teoria disposicionalista da ação.

Parece tentador o desafio, mas, ao mesmo tempo, arriscado e custoso. As perguntas não pedem respostas do tipo “sim” e “não”. Não podemos transpor - dar equivalência - uma categoria pertencente a um quadro teórico para outro, distantes epistemológica e temporalmente entre si, de forma direta, mecânica. É difícil traduzir o “princípio do corte” por uma “disposição ao corte”. No mínimo, para fazermos a comparação, o que em si já pediria um outro artigo, deveríamos criar outras questões problematizadores das quais cito apenas uma: “- Se seguimos utilizando a linguagem das disposições, poderíamos perguntar se não seria mais apropriado considerar o “princípio do corte” como um *habitus*, e não como uma disposição.” Esse exemplo de questionamento, levaria a modificações na *démarche*, porque abre tantas possibilidades que demandaria anos

de reflexão. É exatamente aí que reside a riqueza de qualquer trabalho, a possibilidade de abrir caminhos.

Se apresentamos as questões do nosso avaliador anônimo, não foi com o intuito de justificar as fragilidades do artigo, as quais reconhecemos, ou mesmo para tentar respondê-las, mas como recurso de construção do próprio argumento, pois elas reforçam a ideia de que Bastide tem algo a oferecer ao debate sobre a sociologia em escala individual, o que precisará ser aprofundado em futuras publicações.

Referências

BASTIDE, R. Le principe de coupure et le comportement afro-brésilien. **Anais do 31e Congresso Internacional de Americanistas**, Anhembi, São Paulo, vol. 1, 1955, p. 493- 503. Versão online consultada no dia 23 de dezembro de 2018, a partir do site:

http://classiques.uqac.ca/contemporains/bastide_roger/principe_coupure_comportement_afro_bresilien/principe_coupure_comportement_afro_bresilien.pdf p. 4-13.

BASTIDE, R. La causalité externe et la causalité interne dans l'explication sociologique. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, Nouvelle Série, vol. 21, Juillet-Décembre 1956, 1956, p. 77-99. Disponível em https://www.jstor.org/stable/40688970?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents Acessado em 23/12/2018.

BASTIDE, R. **As religiões africanas no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1971, 2 v.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BASTIDE, R. **As Américas negras**. São Paulo: Difel, 1974.

BASTIDE, R. **Sociologia e psicanálise**. São Paulo: Melhoramentos; Ed. da USP, 1974a.

BASTIDE, R. **Brasil, terra de contrastes**. 7. ed. São Paulo: Difel, 1976.

BASTIDE, R. **Le prochain et le lointain**. Paris: L'Harmattan, 2001.

BASTIDE, R. **O sagrado selvagem e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BASTIDE, R. **O sonho, o transe e a loucura**. São Paulo: Três Estrelas, 2016.

BOURDIEU, Pierre. Algumas propriedades dos campos. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, P. R. Bastide, Les religions africaines au Brésil. **L'Homme**, tome 1, n° 1, 1961, p. 114-116. Disponível em https://www.persee.fr/doc/hom_0439-4216_1961_num_1_1_366355, capturado em 13/12/2018.

- BRAGA, M. L. de Santana. Roger Bastide: morte e ressurreição de um paradigma. In: **Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura**. Recife: Edições Bagaço, 2005. p. 49-110.
- CORCUFF, P. Le collectif au défi du singulier: em partant de l'habitus. In: LAHIRE, B. (Org.). **Le travail sociologique de Pierre Bourdieu: dettes et critiques**. 2. Ed. Paris: La Découverte, 2001. p. 95-120.
- CORCUFF, P. O coletivo ante o desafio do singular. In: VISSER, R; JUNQUEIRA, L. (Orgs.) **Dossiê Bernard Lahire**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2017. p. 169-200.
- CUCHE, D. O conceito de "princípio de corte" e sua evolução no pensamento de Roger Bastide. In: MOTTA, R. (Org.). **Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura**. Recife: Edições Bagaço, 2005. p. 241-262.
- LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LAHIRE, Bernard. Reprodução ou prolongamentos críticos? In: **Educação e Sociedade**, n 78, 2002b.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto alegre: Artmed, 2004.
- LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições. Para uma sociologia à escala individual. In: **Sociologia. Problemas e Práticas**. N. 49, 2005.
- LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- LAHIRE, Bernard. **La condition littéraire, la double vie des écrivains**. Paris: Éditions ls Découverte, 2006b.
- LAHIRE, Bernard. **¿Para que sirve la sociología?**. Madrid: Siglo XXI, 2006c.
- LAHIRE, Bernard. **El espíritu sociológico**. Buenos Aires: Manantial, 2006d.
- LAHIRE, Bernard. Por uma sociologia disposicionalista e contextualista da ação. In: JUNQUEIRA, Lília (Org.). **Cultura e classes sociais na perspectiva disposicionalista**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2010.
- LAHIRE, Bernard. Kafka e o trabalho de dominação. Tradução de Guilherme Seto Monteiro e Lucas Amaral de Oliveira. In: **PLURAL**, Revista do Programa de PósGraduação em Sociologia da USP, v.18.2, 2011.
- LAHIRE, Bernard. **Monde pluriel**. Penser l'unité des sciences sociales. Paris: Editions du Seuil, 2012.
- LAHIRE, Bernard. **En defensa de la Sociología**. Contra el mito de que los sociólogos son unos charlatanes, justifican a los delincuentes y distorsionan la realidade. Buenos Aires: Siglo XXI, 2016.
- LAHIRE, B. Entrevista com Bernard Lahire por JUNQUEIRA, L. In: **Dossiê Bernard Lahire**. Belo horizonte: Editora UFMG, 2017.
- LAHIRE, Bernard. **L'interpretation sociologique des rêves**. Paris: La Découverte, 2018.
- MOTTA, R. Roger Bastide e as hesitações da modernidade. In: MOTTA, R. (Org.). **Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura**. Recife: Edições Bagaço, 2005. p. 147-176.
- ORTIZ, R. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RAVELET, C. Teoria dos contatos culturais. In: MOTTA, R. (Org.). **Roger Bastide hoje: raça, religião, saudade e literatura**. Recife: Edições Bagaço, 2005. p. 263-294.

VALLADARES, Lícia do Prado. A visita do Robert Park ao Brasil, o "homem marginal" e a Bahia como laboratório. In: **Cadernos CRH**, vol.23, n.58 Salvador, 2010.

VANDENBERGHE, F. A Sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. **Cadernos Sociofilo**, n. 4, 2013. p. 70-112.

VANDENBERGHE, F. A sociologia na escala individual: Margaret Archer e Bernard Lahire. In: VANDENBERGHE, F.; VÉRAN, J. F (Orgs.). **Além do *habitus***: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7 letras, 2016.

Recebido: 30 dez. 2018

Aceito: 27 fev. 2019